

INFORME RURAL ETENE

ANO 2, Nº 07 – JUL/2008

PERFIL DA AGROINDÚSTRIA NO NORDESTE

José Ailton Nogueira dos Santos
Especialização em Planejamento Rural integrado e
Consultor do ETENE
Fone: (85)3299-3475
Fax: (85)3299-3474

Airton Saboya Valente Junior
Mestre em Economia Rural e Coordenador da COERG
Fone: (85) 3299-3281
Fax: (85) 3299-3474
asvjunior@bnb.gov.br

1. INTRODUÇÃO

A agroindústria compreende os processos de estocagem, manejo, beneficiamento, preservação e transformação industrial de matérias-primas de origem agrícola, pecuária, florestal e pesqueira. Isto implica a integração entre a produção, abastecimento de matérias-primas e transformação, além da instalação de unidades de processamento próximas aos locais de produção (IICA, 1988).

O segmento de processamento de matérias-primas (vegetal e animal) tem o potencial de proporcionar uma série de benefícios para o setor rural, dentre os quais destacam-se a integração da produção agropecuária com os processos de transformação, o prolongamento da vida útil dos bens agropecuários e pesqueiros, a distribuição adequada dos produtos em uma determinada região, além de gerar novas oportunidades de trabalho (Boucher e Riveros, 2000).

Esta atividade econômica atua ainda como elo entre a agropecuária e a indústria, articulando-se para a frente com o segmento de embalagens e o processamento agroindustrial, e para trás com a indústria de insumos (pesticidas, fertilizantes, rações, material de embalagem, aditivos, aromatizantes etc), de equipamentos para a agricultura, além dos serviços. A agroindústria inclui ainda a produção de energia a partir das biomassas.

A relação mútua entre agricultura, indústria e serviços tem sido um dos fatores determinantes do processo de crescimento da economia de diferentes países. O crescimento desses três setores da economia está estreitamente entrelaçado, de modo que um depende do outro para se desenvolver com sustentabilidade.

Dessa forma, a agroindústria representa um importante instrumento de apoio e dinamização da economia em áreas rurais, acrescentando valor aos produtos primários, diminuindo perdas, evitando deteriorização da qualidade, ampliando mercados e gerando renda e emprego (rural e urbano). Além disso, atua como indutor de modernização e eficiência do setor agropecuário, fomenta a introdução de novas atividades nas comunidades do interior e tem um efeito indireto no emprego rural.

As agroindústrias constituem-se em atividades seculares no Nordeste brasileiro, a exemplo do segmento canavieiro. Contudo, as políticas públicas voltadas para o desenvolvimento da agroindústria se fortaleceram a partir da década de 1960, ocasião em que o Banco do Nordeste do Brasil e a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), passaram a elaborar políticas específicas objetivando fortalecer a agroindustrialização da região.

As principais áreas de produção de matérias-primas (vegetal e animal) têm concentrado também as principais agroindústrias existentes no Nordeste. Assim, as agroindústrias da região têm se localizado, preferencialmente, próximas das fontes de matérias-primas. Referidas áreas apresentam, em geral, as melhores condições de escoamento da produção e são dotadas de infra-estrutura básica, que resultaram na instalação de áreas de concentração industrial ou distritos industriais. Dessa forma, esses espaços atraem também os fornecedores de insumos e de material de embalagem, de máquinas e equipamentos, além dos prestadores de serviços.

Espacialmente, as áreas de concentração de frutas e hortaliças encontram-se presentes em todos os estados do Nordeste, abrangendo o semi-árido (com a adoção da prática de irrigação), as serras úmidas, a zona da mata e o litoral. A atividade canaveira de sequeiro está concentrada na zona da mata e, em menor escala, nas serras úmidas, enquanto essa atividade irrigada localiza-se no semi-árido, Juazeiro (BA) com apenas uma usina. O cerrado nordestino (Maranhão, Piauí e Bahia) destaca-se como produtor de grãos, através da rotação das culturas arroz, soja e algodão. A pecuária leiteira está distribuída em todos os estados do Nordeste, porém concentradas em bacias leiteiras ou nas áreas produtoras de leite, geralmente localizadas no semi-árido. A bovinocultura de corte, por sua vez, predomina nos Estados do Maranhão, Sergipe e Bahia.

A agroindústria de algumas espécies vegetais irrigadas se consolidou, a exemplo do pólo vitivinífero produzindo vinhos finos e espumantes, nos municípios do Vale do São Francisco de Casa Nova, na Bahia, Lagoa Grande e Santa Maria da Boa Vista, em Pernambuco, cujas uvas de castas nobres são irrigadas. Acerola, goiaba, banana, coco verde, pupunha e tomate, em pequena escala, figuram ainda no elenco de matérias-primas processadas e provenientes da agricultura irrigada nos estados do Nordeste. Contudo, vale ressaltar, essa integração se mostra distante do desejável, na medida em que a produção dos pólos de fruticulturas irrigadas no Nordeste visa o mercado interno e externo, sobretudo no que diz respeito a frutas e hortaliças *in natura*.

A importância da agricultura de sequeiro no Nordeste, como supridora de matérias-primas, está expressa na pauta das exportações da região, composta de amêndoa da castanha de caju, manteiga, liquor e pó de cacau, sucos concentrados de laranja e algumas polpas de frutas tropicais. O açúcar e o álcool produzidos na zona da mata, a fibra de sisal e a cera de carnaúba provenientes do semi-árido do Nordeste incluem-se na relação das exportações do Nordeste de matérias-primas elaboradas e semi-elaboradas provenientes da agricultura de sequeiro.

A fruticultura, a horticultura e a bovinocultura leiteira prevaletentes no Nordeste têm elevada participação de produção familiar, indicando, portanto, importância econômica e social. Na atividade canaveira nordestina, a figura do fornecedor de cana-de-açúcar apresenta um cenário de declínio, na medida em que as áreas cultivadas pelas usinas e destilarias têm se elevado, especialmente a partir da extinção do Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA), que limitava a participação máxima da agroindústria em 40% da capacidade de processamento.

O Nordeste está estrategicamente localizado em relação aos países desenvolvidos, reconhecidamente os maiores consumidores de produtos semi-elaborados ou semiprocessados. Além disso, a região conta com infraestrutura portuária em operação no Maranhão (São Luís e Itaqui), Ceará (Mucuripe e Pecém), Rio Grande do Norte (Natal), Paraíba (Cabedelo), Pernambuco (Recife e Suape), Alagoas (Maceió), Sergipe (Aracaju) e Bahia (Salvador, Aratu e Ilhéus), os quais estão devidamente ajustados às grandes vocações de produtos exportados.

2. TIPOLOGIA DA AGROINDÚSTRIA DO NORDESTE

2.1 Considerações Gerais

O Nordeste possui vocação para produção de alimentos provenientes de carnes (bovina e de aves), pescados, grãos, frutas e hortaliças, além de matérias-primas de origem vegetal para outros usos, tais como algodão, cera de carnaúba, e fibras de sisal, dentre outros.

As diferenças entre as categorias da agroindústria de alimentos no Nordeste são marcantes, principalmente no que diz respeito às formas de gestão, linhas de produção, acesso à tecnologia e informações, abrangência e participação no mercado.

Em número, as mini e pequenas agroindústrias predominam em todos os estados do Nordeste, seguidas das categorias de média e grande empresa. Em termos de geração de emprego formal e renda, a liderança fica por conta da grande empresa, seguida pela de médio porte.

De modo geral, as mini e pequenas agroindústrias nordestinas apresentam as seguintes características: administração tipicamente familiar; natureza jurídica predominantemente individual ou sociedade de capital social limitado; dificuldade de acesso às informações tecnológicas e de mercado; linha de produção restrita a

produtos eminentemente populares, foco no mercado local; atuação isolada, tornando-se fragilizada nos mercados de maior competitividade.

Embora as agroindústrias de organizações de produtores não sejam expressivas no Nordeste, algumas iniciativas merecem destaque, a exemplo das ações desenvolvidas pelos sindicatos dos trabalhadores rurais de Feira de Santana e de Retirolândia, e do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais do Sul da Bahia, na Bahia, e do Serviço de Tecnologia Alternativa, em Glória de Coitá em Pernambuco, uma vez que se constituíram em experiências exitosas de fomento ao modelo de agroindústrias associativadas/cooperativadas de mini e pequenos produtores rurais.

A Cooperativa de Colonização de Pindorama, em Alagoas, é pioneira na produção de suco de maracujá no Brasil, tendo, ao longo dos últimos quarenta anos, diversificado sua produção com a inclusão de acerola, abacaxi, uva, caju, manga, goiaba e coco (leite e doce). Também a Cooperativa de Pindorama e a Usina Catende, na zona da mata, em Pernambuco, são exemplos da verticalização da produção de pequenos produtores nordestinos de cana-de-açúcar. Merece destaque ainda a experiência exitosa na Serra do Mel, no Rio Grande do Norte, com a castanha de caju processada por pequenas unidades fabris de pequenos produtores organizados.

Uma das principais características das médias e grandes agroindústrias nordestinas diz respeito à condição de produtora de matérias-primas (polpas de tomate, sucos concentrados de frutas, amêndoa de castanha de caju, manteiga, liquor e pó de cacau, açúcar VHP – *very high polarization*, óleos vegetais brutos, carnes vermelhas em carcaça, cera de carnaúba, fibras de sisal) para a indústria responsável pela segunda transformação. Tais matérias-primas destinam-se às médias e grandes indústrias nacionais e estrangeiras, resultando em produtos prontos para consumo, portanto de maior valor agregado, a exemplo de sucos, doces, geléias, frutas desidratadas, amêndoa de caju, chocolates, achocolatados, confeitos, óleos vegetais refinados, leite em pó, iogurtes, carnes em conservas, molhos, condimentos, dentre outros.

Referida integração resultou em expressivas mudanças na estruturação e gestão das empresas, sendo a primeira transformação na inovação tecnológica abrangendo a produção agrícola, e a segunda, os fornecedores de insumos, embalagens, máquinas, equipamentos e prestadores de serviços.

No âmbito da primeira transformação, ocorreram ajustamentos para os produtos semiprocessados, levando em consideração as especificidades da linha de produção de cada unidade fabril e os clientes, enquanto a segunda transformação concentrou as atenções nas diferenças existentes entre os produtos vendidos ao consumidor final nos mercados doméstico e externo. Contudo, o gerenciamento não profissional e a assimetria tecnológica e de informação (tecnológica e de mercado) são obstáculos a essa integração para as mini e pequenas agroindústrias nordestinas.

As grandes e médias agroindústrias nordestinas, cujos alimentos estão aptos para consumo, contam com estratégias próprias de mercado e de uma rede de distribuição profissional de abrangência regional e nacional, além de um trabalho permanente de *marketing*, utilizando principalmente os meios de comunicação de massa direcionada para cada tipo de consumidor relacionado às suas linhas de produção.

Outra característica marcante dessas categorias de agroindústria é o elevado nível de organização no âmbito nacional e estadual através da Associação Brasileira das Indústrias de Alimentos (ABIA) e Associação das Indústrias Processadoras de Frutos Tropicais (ASTN), além dos sindicatos estaduais ligados às federações estaduais da indústria e comércio. No âmbito mundial, o cacau conta com a Organização Internacional do Cacau (ICCO) com sede em Londres. No caso particular do setor sucroalcooleiro, destacam-se a União Nordestina dos Produtores de Cana-de-Açúcar (ÚNICA), de abrangência regional, e as dezessete entidades representativas das indústrias e produtores rurais distribuídas nos cinco principais estados produtores de cana-de-açúcar no Nordeste (Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Sergipe e Bahia).

As fusões e aquisições de empresas de alimentos no Nordeste foram mais intensas na década de 1990, coincidindo com o fechamento das agroindústrias de derivados de tomate na região de Pesqueira (PE) e no Pólo de Petrolina/Juazeiro, na divisa de Pernambuco com a Bahia. No Nordeste, em termos de ampliação de plantas e lançamento de novos produtos derivados de frutas, figura a Jandaia, e na categoria de novas indústrias tem-se a Sucos do Brasil (marca Flamingo), ambas no Ceará. Entretanto, ocorreram ampliação e modernização da capacidade de processamento de forma mais intensa no segmento de polpas de frutas.

Em termos de aquisições ocorridas no período 2005/2006, em nível nacional, mas com reflexo no segmento de polpas e sucos de frutas no Nordeste, destacam-se a marca Sucos Mais, pela Coca-Cola Brasil, instalada em 2002, em Linhares (ES), passando a ser denominada Minute Maid Mais (incorporando ao nome a marca global da Coca-Cola Company), e a mexicana Del Valle (SP), cuja decisão final depende ainda de parecer do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE). Tais aquisições contribuirão para elevar o portfólio dessa multinacional composta de refrigerantes, água mineral, chás e energéticos.

No período 1990/1991 e 2004/2005, o nível de concentração do segmento de cacau no Brasil resultante de aquisições e fusões entre os agentes intermediários (traders), processadores e fabricantes de chocolates, inclusive o ramo varejista, evoluiu de moderada para uma estrutura de mercado oligopolizada altamente concentrada nas moageiras (Governo da Bahia, 2006).

Tais fatos mostram que a expansão das agroindústrias de alimentos no Brasil concentra-se na diversificação de negócios ou na aquisição de empresas prontas, postergando, portanto, a verticalização na cadeia ou aumento das linhas de produção. Em outras palavras, está ocorrendo uma concentração das empresas de marca disputando um mesmo mercado consumidor.

2.2 Suprimento de Matérias-Primas, Insumos, Material de Embalagem

A agroindústria nordestina é dependente de matérias-primas *in natura* e semiprocessadas de terceiros, considerando que a produção própria é restrita a poucas empresas e em níveis modestos. Essa dependência é mais elevada nas médias e grandes empresas de derivados de frutas e hortaliças. No segmento de condimentos, temperos e molhos prontos ocorre um maior nível de suprimento de matérias-primas de terceiros, inclusive oriundas de outras regiões do Brasil, além da Argentina e do Chile. No caso do setor sucroalcooleiro nordestino, essa dependência vem diminuindo, situando-se em 35% das necessidades da indústria.

Contudo, a dependência da agroindústria por matéria-prima de terceiros não tem sido capaz de solucionar os crônicos conflitos entre a unidade de processamento e o produtor rural e suas organizações, com os preços e a qualidade sendo os pontos críticos ainda pendentes de solução. Os avanços conquistados dizem respeito à regularidade no fornecimento e especificidade da matéria-prima semiprocessada pela agroindústria da primeira transformação.

Por força dessa integração, a agroindústria da primeira transformação teve de adotar tecnologias modernas para atender as especificidades da indústria da segunda transformação, levando em consideração as diferenças impostas pelos hábitos, gostos e preferências dos mercados doméstico e externo. Essa adequação deve estar ainda em consonância com as legislações dos diferentes países contemplando as etapas de produção, processamento, embalagem, transporte e comercialização, dentre outros aspectos.

Para o presidente da Associação das Indústrias Processadoras de Frutos Tropicais (ASTN), está fora de cogitação a idéia de que somente as frutas que não são aceitas para consumo *in natura* sejam destinadas às agroindústrias, na medida em que as unidades de processamento levam em consideração a padronização de cor, sabor, textura e o brix de cada espécie de frutas e produtos processados.¹

A terceirização adotada pelas médias e grandes empresas está presente ainda no transporte e armazenamento em câmaras de frios de matérias-primas *in natura* e semiprocessados e nos alimentos prontos para consumo.

Através da geração de tecnologia para obtenção e transporte de polpas de frutas e de hortaliças (tomate), o mercado consumidor nordestino está sendo abastecido com suco de caju produzido no Sudeste. A matéria-prima semi-elaborada procede de agroindústria do Nordeste, enquanto algumas indústrias de médios e grandes portes nordestinas de sucos de uva e pêssego suprem o mercado nacional utilizando-se de polpas compradas em São Paulo, Rio Grande do Sul, e em caráter eventual, na Argentina e no Chile.

Inexistem problemas de suprimento de material de embalagem nos mesmos níveis de qualidade e praticidade de usos nas demais regiões do Brasil, sendo facilmente encontrados nos grandes centros comerciais do Nordeste. Contudo, o elevado preço implica aumento do custo de produção, sendo, em alguns casos,

¹ Entrevista realizada em 10/10/2007 pelos pesquisadores do BNB/ETENE junto ao Dr. Etélio Prado, Aracaju (SE).

incompatível com a capacidade mínima econômica estabelecida pelos fornecedores para a mini e pequena agroindústria nordestina.

A segmentação cada vez maior do mercado de alimentos e as mudanças de hábitos de consumo levam as agroindústrias a renovarem em menor espaço de tempo as suas linhas de produção para atender a demanda do consumidor por maior praticidade na hora de se alimentar através de embalagem modernas, funcionais, protetoras, informativas e atrativas (EMBALAGEM, 2007).

2.3 Aspectos Tecnológicos

De modo geral, o nível tecnológico da média e grande agroindústria nordestina é considerado moderno, bem próximo das concorrentes do Sul e Sudeste. Também não existe distanciamento tecnológico expressivo das máquinas e equipamentos utilizados nas indústrias nordestinas, considerando que os bens de capital são fabricados e adquiridos em sua grande maioria no Sudeste, notadamente em São Paulo e Sul do Brasil.

As inovações tecnológicas no processamento, máquinas, equipamentos e embalagem funcionam como estratégias adotadas pelas médias e grandes empresas do Nordeste para acompanhar as tendências e exigências dos mercados doméstico e externo. O diferencial consiste em que as inovações tecnológicas iniciam-se nas indústrias do Sudeste e Sul do Brasil, sendo absorvidas posteriormente pelas unidades de processamento nordestinas, geralmente quando da substituição de máquinas e equipamentos ou por exigência do mercado.

Relativamente à mini e pequena agroindústria, existe no mercado brasileiro oferta de máquinas e equipamentos para essa categoria de empresa em condições de inseri-las no mercado competitivo de alimentos, principalmente para derivados de frutas, de hortaliças e de leite. Os centros de pesquisa da Embrapa no Ceará e no Rio de Janeiro, e a Ceplac em Ilhéus, em parceria com a iniciativa privada, têm lançado no mercado máquinas e equipamentos adequados à agroindústria de frutas e hortaliças de pequeno porte. Com efeito, a inexistência de máquinas e equipamentos destinados para a pequena produção ocorre especialmente no setor sucroalcooleiro para produção de açúcar ou álcool.

Os subprodutos e resíduos das agroindústrias nordestinas deixaram de ser considerados problemas ambientais, na medida em que foram criadas novas tecnologias resultando na redução das perdas e no seu aproveitamento econômico, gerando receitas adicionais e melhorando a qualidade de vida das pessoas.

Com base em pesquisa de campo sobre os impactos do Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE), realizada pelo Escritório de Estudos Econômicos do Nordeste (BANCO DO NORDESTE, 2007), junto a 137 agroindústrias financiadas pelo Banco do Nordeste do Brasil, o nível tecnológico das empresas entrevistadas mostrou-se variável. Dessa forma, identificaram-se três tipologias (metodologia desenvolvida pelo Instituto Inter-Americano de Cooperação Agrícola - IICA):

- **Agroindústrias Tradicionais:** incorporam pequenos avanços tecnológicos no processo. Empregam-se práticas transmitidas de geração a geração. O FNE contribuiu para a aquisição de alguns equipamentos. As relações de trabalho são informais e temporárias, e a gestão é pouco ou não profissionalizada. Os produtos são comercializados diretamente pela agroindústria ou entregues a pequenos estabelecimentos comerciais situados em municípios próximos à unidade de beneficiamento. Destacam-se nesse segmento agroindústrias beneficiadoras e empacotadoras de arroz, casas de farinha, engenhos de rapadura, destilarias de aguardente e queijarias.
- **Agroindústrias Intermediárias:** utilizam tecnologias adequadas ao nível de produção e de mercado. Possuem processo relativamente tecnificado e contínuo. Máquinas, equipamentos e instalações foram adquiridos através do FNE-AGRIN. As relações de trabalho são predominantemente formais, a gestão é profissional. Os produtos são comercializados no âmbito do estado ou em estados vizinhos. Destacam-se nesse segmento as usinas de açúcar, laticínios e curtumes.
- **Agroindústrias Modernas:** possuem tecnologias que incorporam automatização no processo produtivo. A escala de produção é alta e a empresa trabalha em regime contínuo. Parte das máquinas e equipamentos, bem como melhorias e ampliação das instalações foram viabilizados através do FNE-AGRIN. Predominam as relações de trabalho formais e a profissionalização da gestão. Destacam-se nesse segmento as agroindústrias de sucos e as processadoras de polpas

de fruta, os frigoríficos e preparadoras de carnes, aves e pescados e destilarias de álcool. A comercialização da produção ocorre em nível regional, nacional e internacional.

2.4 Aspectos Econômicos e Sociais

Estimou-se que em 2005 a agroindústria do Nordeste empregava 246,5 mil pessoas em um total de 16,7 mil estabelecimentos cadastrados formalmente. Bahia, Pernambuco e Ceará registraram o maior número de estabelecimentos, enquanto Alagoas, Pernambuco, Bahia e Ceará registraram o maior número de empregos (Tabela 1).

Tabela 1
Estabelecimentos e Empregos Formais na Agroindústria do Nordeste em 2005

Estado	Nº de Estabelecimentos Formais	Nº Empregos Formais
Alagoas	948	83.799
Bahia	3.786	22.983
Ceará	3.314	22.985
Maranhão	800	4.127
Paraíba	1.527	15.481
Pernambuco	3.629	73.629
Piauí	830	6.717
Rio Grande do Norte	1.210	10.894
Sergipe	679	5.906
Total	16.723	246.521

Fonte: BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Relação Anual de Informações Sociais (RAIS). Brasília, DF, 2005.

Nota: Consideraram-se 53 atividades da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) do IBGE como integrantes do segmento da agroindústria.

A rigor, o número de empregos efetivamente gerados no Nordeste pela agroindústria de alimentos em 2005 deverá ser maior que o total constante dessa Tabela, já que são excluídas as indústrias funcionando na informalidade e as pessoas membros da família e a mão-de-obra sem vínculo empregatício, freqüentes nas categorias de mini, micro e pequena empresa.

As atividades de fabricação de produtos de padaria, biscoitos e bolachas (8.588), preparação de leite e laticínios (1.126), processamento de frutas e sucos (780), preparação de aves, carnes e pescados (637), beneficiamento de arroz (466) e preparação de aguardentes (442) registraram o maior número de estabelecimentos no Nordeste.

As agroindústrias que empregaram o maior número de pessoas no Nordeste em 2005 foram: usinas de açúcar (132,5 mil pessoas), fabricação de produtos de padaria, biscoitos e bolachas (29,4 mil pessoas), produção de álcool (18,0 mil pessoas), processamento de frutas e sucos (8,7 mil), preparação de aves, carnes e pescados (8,0 mil) e preparação de leite e laticínios (6,0 mil).

Conforme os dados da Pesquisa Industrial do IBGE referente a 2005, e considerando as atividades pertencentes à agroindústria, o ETENE estimou que o valor bruto da produção agroindustrial no Nordeste atingiu R\$ 65,1 bilhões, enquanto o valor da transformação agroindustrial foi de R\$ 28,2 bilhões na região.

2.5 Prestadores de Serviços

O papel dos órgãos de pesquisa e difusão de tecnologia, em parceria com a iniciativa privada, tem sido fundamental para dar continuidade ao fomento, diversificação e modernização da agropecuária, agroindústria, supridores de insumos e embalagem e prestadores de serviços. No âmbito nacional, destacam-se o Instituto de Tecnologia de Alimentos (ITAL), o Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), ambos em São Paulo, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária-Embrapa, especialmente o Centro de Alimentos (CTAA) no Rio de Janeiro e o Centro Nacional de Pesquisa da Agroindústria Tropical (CNPAT) no Ceará, as universidades e instituições estaduais.

A Rede Interuniversitária para o Desenvolvimento do Setor Sucroalcooleiro (RIDESA, formada pelas universidades federais de Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Rio de Janeiro, São Carlos (em São Paulo), Viçosa (em Minas Gerais, Paraná e Goiás), do Centro de Tecnologia Canavieira (CTC) e da CV Canavialis, ambos em São Paulo, são responsáveis pela pesquisa e difusão de tecnologia do setor sucroalcooleiro no Brasil, enquanto a Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC), atuando na Bahia, Espírito Santo, Pará, Amazonas, Rondônia e Mato Grosso prioriza a cacauicultura associada aos sistemas agroflorestais e o Instituto de Estudos Socioambientais do Sul da Bahia (IESB) desenvolve ações na produção orgânica do cacau e frutas através da Cooperativa CABRUCÁ.

Historicamente, os fabricantes privados de máquinas e equipamentos, em que pese se localizarem no Sudeste e Sul do Brasil, são parceiros que contribuem para o fomento e modernização da agroindústria nordestina.

O Banco do Nordeste do Brasil S.A (BNB), o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e Banco do Brasil figuram como os principais bancos de desenvolvimento atuando no Nordeste, seja concedendo crédito adequado às atividades agrícola, industrial e serviços, seja provendo financiamentos não reembolsáveis para pesquisa e difusão de tecnologia.

Os financiamentos concedidos pelo BNB às agroindústrias localizadas no Nordeste totalizaram R\$ 1,4 bilhão (período de 1990 a 2006), enquanto que R\$ 38,4 milhões foram destinados pelo BNB à pesquisa agroindustrial (de 1990 a 2006).

2.6 Aspectos Institucionais

Institucionalmente, no âmbito do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), a fruticultura, a horticultura, a cacauicultura e o setor sucroalcooleiro no Brasil estão politicamente representados pelas suas respectivas câmaras setoriais da cadeia produtiva com representantes dos diferentes elos de cada agronegócio.

A indústria de alimentos está sujeita aos controles permanentes nos padrões de qualidade ao longo das fases de produção, processamento, distribuição e comercialização, em conformidade com as medidas sanitárias e de higiene dentro e fora de cada país, tornando-se uma exigência compulsória em um ambiente de maior liberalização comercial. Trata-se de uma área que sofre constantes modificações normativas em intervalos relativamente curtos, por força das pressões internacionais, consciência de cidadania, responsabilidade social e ambiental.

No Brasil, a preocupação com a segurança alimentar é de responsabilidade dos Ministérios da Saúde (MS), da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e do Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (IDEC). Ainda no âmbito do Governo Federal, o Instituto Nacional de Metrologia, Normatização e Qualidade Industrial (INMETRO) é responsável pela legislação metrológica, trabalhando centrado, principalmente, na validade dos produtos, peso, volume, composição e informações adicionais constantes na embalagem.

Existe consenso no setor industrial de que a legislação brasileira está atualizada e atende as necessidades do setor. Contudo, existem gargalos nos órgãos de fiscalização para inibir a ação de agroindústrias que estão pondo em risco a saúde da população e com elevado nível de sonegação fiscal e social, resultando em uma competitividade artificial. As organizações representativas das agroindústrias nacionais, regionais e estaduais no Brasil de cada segmento de processamento têm colaborado na modernização da legislação brasileira e no estabelecimento de padrões de qualidade para as polpas de frutas, notadamente de espécies nativas.

A Lei Complementar 123/2006, que instituiu o Supersimples, deverá contribuir para melhorar a competitividade das mini e pequenas agroindústrias, tendo em vista que deverá reduzir de 15,0% a 29,0% o valor dos impostos. Contudo, o problema persiste nas categorias de médias e grandes empresas nacionais.

5. CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Nordeste brasileiro possui recursos naturais que favorecem a expansão de diferentes agroindústrias, a exemplo de frutas, hortaliças, carnes, aves, pescados, leite e derivados, além do segmento sucroalcooleiro. A região é dotada de infra-estrutura portuária em praticamente todos os estados, o que facilita a exportação de produtos agroindustriais.

Políticas creditícias implementadas no âmbito do Banco do Nordeste do Brasil, a exemplo do Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste, têm estimulado a expansão e consolidação dessas agroindústrias, tendo em vista as vocações estaduais. Além disso, as pesquisas científicas e tecnológicas implementadas em diferentes institutos de pesquisa têm contribuído para aprimorar a qualidade e diversidade dos produtos provenientes das agroindústrias do Nordeste.

A partir da base de dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) de 2005, calculou-se que a agroindústria do Nordeste empregava naquele ano 246,5 mil pessoas em um total de 16,7 mil estabelecimentos formais.

Conforme os dados da Pesquisa Industrial do IBGE referente a 2005, e considerando as atividades pertencentes à agroindústria, o ETENE estimou que o valor bruto da produção agroindustrial no Nordeste atingiu R\$ 65,1 bilhões, enquanto o valor da transformação agroindustrial foi de R\$ 28,2 bilhões.

Os gargalos da agroindústria do Nordeste estão centrados no suprimento de matérias-primas de melhor qualidade, com o mínimo de resíduos tóxicos, além dos conflitos no estabelecimento de preços. A desorganização do pequeno produtor fragiliza a negociação, na medida em que a assimetria de informações tecnológicas e mercadológicas é elevada nessa categoria de produtor.

Além disso, a elevação dos atuais níveis de produtividade agrícola do Nordeste depende da substituição dos pomares envelhecidos de caju, cacau e laranja por variedades precoces, de menor porte e resistentes a pragas e doenças. O aproveitamento integral dessas frutas são ações que devem ser melhor trabalhadas.

Há consenso entre todos os elos do agronegócio das frutas, hortaliças e cana-de-açúcar de que a valorização do real diante do dólar, sem estar acompanhada da redução da carga tributária e encargos sociais no Brasil, anula a competitividade dos alimentos processados e penaliza as famílias de menores rendas, estagnando a expansão do mercado doméstico.

As exportações de produtos derivados de frutas e hortaliças nordestinas são matérias-primas para as indústrias de alimentos nos países importadores, de menor valor agregado comparativamente com os alimentos prontos para consumo. Com efeito, a expansão das vendas de produtos prontos para consumo final no mercado exterior prescindirá ainda de ações governamentais em parceria com a iniciativa privada no sentido de realizar promoções de investimentos focadas nas potencialidades do Nordeste e participação em feiras comerciais internacionais de alimentos processados nordestinos.

Em síntese, pode-se concluir que a agroindústria do Nordeste tem se expandido e apresentado maior integração com as cadeias produtivas do setor rural. Contudo, verificou-se que o fortalecimento desse segmento no Nordeste depende, ainda, dentre outros aspectos, do fornecimento de matérias-primas com qualidade e regularidade; estabelecimento, disseminação e fiscalização de controles de qualidade e de normas e padrões sanitários e agroindustriais; profissionalização de administradores e gerentes nas áreas administrativas e de agronegócios; qualificação da mão-de-obra; provimento de assistência técnica para pequenos empreendimentos; regulamentação da concorrência empresarial (empresas não certificadas comercializam produtos mais baratos); simplificação de normas e exigências fitossanitárias para as pequenas agroindústrias; conscientização e educação de consumidores sobre a qualidade e certificação dos produtos agroindustriais, além da elevação do nível de renda da população.

Nesse sentido, o desenvolvimento da agroindústria no Nordeste depende da elaboração e implementação de um conjunto de políticas que deverão ser coordenadas pelo Estado, contando, ainda, com a participação do setor privado.

BIBLIOGRAFIA

BAHIA. Secretaria de Ciência. **Tecnologia e inovação: agenda tecnológica do arranjo produtivo do cacau.** Salvador, 2006, 40 p.

BANCO DO NORDESTE DO BRASIL. **Avaliação do programa de apoio ao desenvolvimento da agroindústria do Nordeste (FNE-AGRIN).** Fortaleza, 2007.

BOUCHER, F.; e RIVEROS, H. **La agroindustria rural de América Latina y el Caribe - marco conceptual e impacto.** Cali, Colômbia: IICA, 2000.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)**. Brasília, DF, 2005.

EMBALAGEM: ferramenta de marketing: desafios para 2007. In: **ANUÁRIO brasileiro das indústrias da alimentação: guia oficial da associação brasileira das indústrias da alimentação**. São Paulo: Editora Segmento, 2007. p. 38-39.

IICA. **Estrategias metodológicas para el desarrollo agroindustrial rural**. Cali, Colômbia, 1988.

ANO 1 – 2007

Nº1 Jan 2007 – Cadeia produtiva da soja ensaia recuperação em 2007:

http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=146

Nº2 Fev 2007 – Mercado de carne bovina (1) – cenário mundial:

http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=147

Nº3 Mar 2007 – Cenário para a agroindústria brasileira de frutas:

http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=382

Nº4 Abr 2007 – Mercado de derivados de cana-de-açúcar (1) – álcool:

http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=438

Nº5 Maio 2007 – O mercado de derivados de cana-de-açúcar (2) – cachaça

http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=595

Nº6 Jun 2007 – Desempenho e perspectivas da avicultura industrial

http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=599

Nº7 Jul 2007 – Condição atual e perspectivas da carcinicultura nordestina

http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=654

Nº8 Ago 2007 – Balanço e prognóstico de safras

http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=655

Nº9 Set 2007 – Considerações sobre a produção de Manga

http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=656

Nº10 Out 2007 – Cera de Carnaúba: Produção e Mercado

http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=658

Nº11 Nov 2007 – Agricultura Orgânica: Evolução e Desafios

http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=662

Nº12 Dez 2007 – PNPB (1): Panorama nacional e relato da experiência do Ceará

http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=663

ANO 11 – 2008

Nº1 Jan 2008 – O mercado de derivados de cana-de-açúcar (3) – Açúcar:

<http://d001www06/cenetene/projconjecon/docs/666110208.pdf>

Nº2 Fev 2008 – Cultivo de tilápia no Brasil: origens e cenário atual:

<http://d001www06/cenetene/projconjecon/docs/672170308.pdf>

Nº3 Mar 2008 – Cenários e perspectivas 2008 - Setor agropecuário:

<http://d001www06/cenetene/projconjecon/docs/676140408.pdf>

Nº4 Abr 2008 – A Fruticultura no Nordeste e o câmbio – considerações:

<http://d001www06/cenetene/projconjecon/docs/678090508.pdf>

Nº5 Mai 2008 – PROBIODIESEL II: Alternativas de Matéria-Prima

<http://d001www06/cenetene/projconjecon/docs/681130508.pdf>

Nº6 Jun 2008 – Agroindústria de Alimentos Derivados de Cacau

<http://d001www06/cenetene/projconjecon/docs/685010708.pdf>